

## Eros na relação interdisciplinar

Maytê Romero

Olhar para o indivíduo, em qualquer posição que ele se encontre, é como olhar para o mundo que ele habita, o mundo de ontem, de hoje e de sempre, que se move num ritmo próprio. O indivíduo habita, consciente e inconscientemente, tanto o seu mundo externo quanto o seu mundo interno, ambos conectados entre si. ¶O que está em cima é como o que está embaixo. O que está dentro é como o que está fora.¶ (Tábua de Esmeraldas, cerca de 3.000 a. C.)

Os indivíduos da sociedade atual apresentam níveis variados de consciência e olham para seus mundos a partir da sua capacidade de ver; esta capacidade representa a maior ou a menor consciência que o indivíduo possui a respeito da realidade externa ou interna, na qual está inserido. Segundo Jung, podemos pensar nossa consciência habitando entre dois mundos, ou seja, entre dois tipos de fenômenos psicológicos:

¶(...) metade das percepções lhe advém dos sentidos; a outra metade da intuição: a visão dos fenômenos interiores, provocados pelo inconsciente. A imagem exterior do mundo nos faz compreender tudo como efeito da atuação de forças físicas e fisiológicas, enquanto a imagem interior do mundo nos faz compreender tudo como resultado da ação de seres espirituais. A imagem do mundo que nos é transmitida pelo inconsciente é de natureza mitológica. Ao invés das leis da natureza, encontramos desejos de deuses e demônios, e ao invés dos instintos naturais atuam almas e espíritos. As duas imagens do mundo não se toleram mutuamente e não existe lógica que possa uni-las: uma fere nosso sentimento, a outra nossa razão. E, no entanto, a humanidade sempre sentiu a necessidade de unir de alguma forma essas duas imagens do mundo(...) Procura-se e sempre há de procurar o caminho do meio, um ponto em que os opostos se unem.¶ ( Jung, 1993, vol. X, par. 23 e 24)

O processo de individuação conduz o indivíduo ao caminho do meio, ao equilíbrio dos opostos. Neste processo, as imagens inconscientes se encontram à disposição do ser humano como recursos reguladores do mundo interno, com reflexo direto no mundo externo. Entretanto, podemos observar um grande número de pessoas que utilizam muito pouco os recursos reguladores do inconsciente e demonstram ter pouca consciência de si mesmo e de sua vida.

Sendo assim, basta olharmos para o mundo e teremos uma idéia clara de como as pessoas vêm funcionando com a totalidade que as envolve, pois o que fazemos com o nosso mundo é o que fazemos conosco.

Podemos observar que a sociedade atual vem apresentando um crescente adoecimento físico, psíquico e social. Venho percebendo, em minha prática clínica, as dificuldades que os indivíduos apresentam quanto ao relacionamento consigo mesmo e com o outro, principalmente no que tange o cuidar e o ser cuidado, bem como uma dificuldade em lidar com o mundo das emoções o que, consequentemente, demonstra uma dificuldade em lidar com o mundo externo. Fato este percebido, tanto com relação ao paciente, quanto com relação ao profissional da área da saúde.

¶Quando uma cultura atinge o seu ponto mais alto, mais cedo ou mais tarde vem a época da dissociação. A dissolução aparentemente sem sentido e sem esperança, numa multiplicidade incoerente e sem objetivo que pode encher de amargura e

desespero o espectador, contém, todavia, no seu interior escuro o germe de nova luz. ( Jung, 1993, vol. X, par. 295)

Podemos entender o adoecimento do ser humano como símbolo dessa dissociação, mas também como uma nova luz, como uma possibilidade de ampliação de consciência, tanto para o paciente, quanto para os profissionais que atuam na área da saúde. Pois é a doença que conduz o indivíduo a buscar tratamentos e amplia sua prontidão para transformação. Sendo assim, a doença pode ser utilizada como fonte geradora de uma nova luz que traz em si uma possibilidade de reequilíbrio para o mundo interno e conseqüentemente para o mundo externo podendo gerar uma efetiva melhora na qualidade de vida das pessoas. (DETHLEFSEN & DAHLKE 2003)

Se o que está dentro é como o que está fora, torna-se claro que o profissional da área da saúde somente poderá tratar, cuidar e se relacionar com o paciente a partir dos recursos que possuir internamente, bem como a partir da consciência de seu funcionamento psíquico.

Em virtude desta percepção, senti a necessidade de realizar uma intervenção psicológica direta junto aos profissionais da equipe interdisciplinar, da qual faço parte como coordenadora do serviço de psicologia.

Esta equipe é composta por um médico, uma nutricionista, cinco educadores físicos, sete fisioterapeutas e três psicólogas, totalizando 17 profissionais que atuam na prevenção de saúde, em nível primário e secundário, em uma clínica privada no interior do estado do Rio Grande do Sul, na cidade de Cruz Alta.

Nesta instituição, entendemos que saúde, qualidade de vida e bem-estar advêm do equilíbrio físico, psíquico e espiritual do indivíduo. Por isso, o serviço de psicologia tem o papel fundamental de estar atento às necessidades psíquicas tanto dos pacientes, como dos demais profissionais da equipe, contribuindo para a saúde global. E toda atividade realizada, desde a entrada do cliente, nesta instituição, tem por base o pensamento do indivíduo visto em sua totalidade.

O paciente cuidado nesta instituição apresenta um ou mais fatores de risco cardiovascular, recebendo tratamento através de acompanhamento médico, reeducação alimentar, reabilitação fase 2 e 3, acompanhamento psicológico e fisioterapêutico.

Devido ao fato de que nem todos os pacientes aceitam se submeter ao tratamento global oferecido, principalmente o psicológico, o serviço de psicologia vem usando como estratégia de atuação a psicoterapia grupal com os membros da equipe. Esta estratégia de atuação permite que a psicologia cuide indiretamente do paciente, através do cuidado com a equipe profissional, e assim, o profissional, na medida em que evolui em seu processo interno, vai efetivando o seu papel de cuidador.

Este trabalho tem como objetivo a ampliação da consciência dos profissionais com relação à sua totalidade psíquica, corporal e espiritual; proporcionar transformações no sentido de estabelecer sua relação consigo mesmo, ativando assim a prontidão para perceber o indivíduo como um ser único, com questões e necessidades individuais; bem como estabelecer o seu auto cuidado, efetivando sua prática de cuidador, ensinando, direta e indiretamente, o seu paciente a se cuidar.

Neste sentido, saliento a importância fundamental da psicologia junto à equipe interdisciplinar, pois para que o trabalho com o paciente ocorra de forma total é

necessário anteriormente trabalhar a equipe de profissionais que atuam com o mesmo.

Valorizando ainda mais a importância desta questão, vale salientar que a ampliação da consciência, no processo de individuação, atua diretamente na forma com a qual o indivíduo percebe, tanto o seu mundo interno quanto o seu mundo externo, e o capacita a realizar as transformações necessárias que visem ao seu equilíbrio e bem estar. Transformações estas que beneficiam não apenas o indivíduo, mas também seu microcosmos e consequentemente o macro cosmos, pois nada está separado. (Jung, 1993)

O trabalho de psicoterapia grupal ocorre quinzenalmente com toda a equipe de profissionais com duas horas de duração. Nos encontros são realizados momentos de reflexão sobre a convivência no trabalho, tanto no que tange a relação com os colegas, quanto com os pacientes; bem como, reflexões sobre a sua própria dinâmica de funcionamento na vida interna e externa. Além disso, os profissionais são convidados a fazer uma viagem interna a partir de técnicas projetivas e vivenciais, como, por exemplo, a construção de mandalas, trabalhos com argila, desenhos, recortes, etc. Proporcionando integração e troca mútua de experiências no grupo terapêutico.

Jung nos mostrou que: "A questão das relações humanas e da conexão interior é urgente em nossa sociedade, dada a automatização dos homens, que se amontoam uns sobre os outros e cujas relações pessoais se movem na desconfiança disseminada (...). Diante deste perigo, a sociedade livre precisa encontrar um elo de ligação de natureza afetiva, um princípio como por exemplo o da caridade que representa o amor cristão ao próximo. A falta de compreensão gerada pelas projeções compromete justamente o amor pelos outros homens. Sendo assim, o mais alto interesse da sociedade livre deveria ser a questão das relações humanas, do ponto de vista da compreensão psicológica, uma vez que sua conexão própria e sua força nela repousam. Pois onde acaba o amor, têm início o poder, a violência e o terror." (Jung, 1993 par. 580)

Pude perceber a importância desta questão na evolução do processo de autoconhecimento, realizado através deste trabalho de psicoterapia grupal, que vem possibilitando, a cada membro da equipe, o movimento da retirada das projeções, que simultaneamente dá lugar a uma troca mais inteira entre as pessoas, e vem acionando arquetipicamente a atuação de Eros. Venho percebendo também que, na medida em que o amor se desenvolve no encontro consigo mesmo, ele pode ser compartilhado com o outro. Como na passagem da bíblia na qual Jesus disse: "Ame ao próximo como a ti mesmo". (Lucas, cap. 10 versículo 25)

O amor, segundo Jung, é uma questão de grande envergadura e complexidade; não se limita a este ou aquele setor da vida, mas se manifesta em todos os aspectos da vida humana: é uma questão ética, social, psicológica, filosófica, estética, religiosa, médica, jurídica, fisiológica, para mencionar apenas algumas facetas deste tão variado fenômeno." (Jung, 1993, par. 198)

Devido a essa grande complexidade que envolve o amor e os diversos setores a ele associados, percebemos que cada um dos membros da equipe já vivenciou várias formas de amor em suas vidas individuais, positiva ou negativamente, associadas às mais diversas formas de manifestação e setores da vida. Vemos também que, Eros, o arquétipo do amor, é agora acessado, na forma de amor fraterno, a serviço do

amor a si mesmo, do autocuidado e da construção de um novo modelo de relação terapêutica.

Faço uso, então, do mito de Eros e Psique, bem como das quatro tarefas executadas por ela, para descrever alguns movimentos internos e externos que vêm ocorrendo na evolução deste trabalho.

O Mito: Eros e Psique

Em certa cidade havia um rei e uma rainha que tinham três filhas lindíssimas. As duas mais velhas, ainda que fossem também muito belas, podiam perfeitamente ser celebradas por louvores dos homens, mas não havia linguagem humana capaz de descrever a formosura extraordinária da caçula. Psique era tão arrebatadoramente bela, que os mortais, em lugar de pedi-la em casamento, adoravam-na como se fosse a própria Afrodite.

Afrodite vendo-se preterida por uma simples menina e irritada com o confronto de beleza chamou o seu filho Eros e deu-lhe uma incumbência urgente. Levou-o à cidade, onde vivia a linda Psique, e pediu que a fizesse apaixonar-se pelo mais horrendo dos homens. Beijou-o muitas vezes, com os lábios entreabertos e retornou a seu habitat preferido, o bojo macio do mar.

O rei após casar suas duas filhas mandou consultar o Oráculo de Apolo em Mileto a respeito da caçula. A resposta foi direta e terrível: a jovem coberta com uma indumentária fúnebre deveria ser conduzida ao alto de um rochedo, onde um monstro horrível com ela se uniria. Eros, todavia, que, em lugar de ferir com suas flechas a Psique, havia sido ele próprio ferido por ela; ordenou ao vento Zéfiro que transportasse Psique para um vale macio e florido. Após descansar de tantas emoções, a jovem princesa se ergueu e viu, cercado por um bosque, o palácio de seus sonhos, com colunas de ouro servindo de suporte ao teto de cedro e marfim; as paredes recamadas de baixos relevos de prata; o pavimento, confeccionado de mosaicos de pedras preciosas; os imensos salões tinham as paredes de ouro maciço. Deslumbrada com tanta beleza, Psique penetrou no palácio e, a partir de então, foi servida por uma multidão de Vozes, que lhe atendiam até mesmo os desejos não formulados. Naquela mesma noite, Eros sem se deixar ver, fez de Psique sua mulher, mas antes do nascer do sol, ele desapareceu rápida e misteriosamente.

A cena se repetia todas as noites e a princesa acabou por habituar-se à sua nova existência: as Vozes atentas e solícitas consolavam-na da solidão.

Entretanto, Fama, a divindade, tornou pública a vida de Psique, e as irmãs casadas, tristes e cobertas de luto, pela irmã caçula, ao receber tal notícia apressaram-se em visitar e confortar os pais.

Eros pressentiu a ameaça que pesava sobre a felicidade do casal e avisou a esposa do perigo eminente. Alertou Psique, que ao encontrar as irmãs no rochedo, não deveria ouvir suas lamentações e tão pouco deveria olhar para elas. À jovem esposa tudo prometeu, mas tão logo o amante se retirou, Psique se viu mais do que nunca prisioneira da própria felicidade.

Psique, com muitas carícias, conseguiu que Eros permitisse a visita das irmãs no palácio, mas ele lhe pediu que jamais tentasse ver-lhe o semblante, por mais que as irmãs insistissem neste ponto, pois se o fizesse, jamais o veria de novo.

Suas irmãs, após algumas visitas e envenenadas pelo fel da inveja, lembraram-na do Oráculo de Apolo e disseram que quem se deitava com ela todas as noites, não era um homem, mas sim uma serpente enroscada em mil anéis, com a boca larga como

um abismo, e que o réptil aguardava apenas o momento oportuno para devorá-la. As irmãs a aconselharam a acender um candeeiro de luz e matá-lo com um punhal afiado.

Psique esperou o marido adormecer e seguiu a orientação das irmãs, mas para sua surpresa, viu a mais bela de todas as faces. Eros, o deus do amor, ali estava diante de seus olhos. A jovem empalidece e treme, deixando cair sobre os ombros do deus adormecido uma gota de óleo quente do candeeiro. Sendo assim, Eros parte voando, pois um deus não pode ser visto por um mortal. Psique segura sua perna, mas exausta ela cai de volta a terra.

Eros tomado de dor tem ainda que enfrentar a fúria de sua mãe Afrodite, devido a sua desobediência com relação à Psique.

Psique, por sua vez peregrina em sua dor, dia após dia, até que se conduziu ao palácio de Afrodite. Afrodite após humilhá-la entregou-a para suas escravas Inquietação e Tristeza, para que a torturassem. Como se não bastasse Afrodite impôs-lhe quatro célebres tarefas.

A primeira tarefa consiste em separar uma enorme pilha de sementes, de tal forma que cada uma delas esteja em seu lugar antes do amanhecer. Psique vê a dificuldade da tarefa e desiste; uma formiguinha que passava por ali percebe a impossibilidade da tarefa e revoltada com a perversidade da deusa, convoca um batalhão de formigas; as ágeis criaturinhas da terra, para realizarem a tarefa para Psique.

Afrodite ficou furiosa com o êxito de Psique, desconfia que ela havia sido ajudada, deu-lhe outra tarefa. Psique deveria juntar flocos de lã de ouro que recobre o dorso dos carneiros ferozes que pastavam ali bem perto do rio. Psique caminha em direção ao rio, não para executar a tarefa impossível, mas sim para suicidar-se. Ela é salva por um caniço verde que lhe indica como apanhar os flocos de lã de ouro; ele lhe orienta a esperar o anoitecer, para que os carneiros adormecessem e assim ela poderia juntar os flocos presos nas árvores do bosque por onde eles haviam passado durante o dia. Psique seguindo as orientações do caniço consegue cumprir sua tarefa e retorna à sogra com uma porção de flocos de lã de ouro.

Afrodite desconfiou que Eros estava ajudando Psique e deu-lhe outra tarefa. A terceira tarefa era a mais perigosa até agora. Afrodite deu-lhe um vaso de cristal e ordenou que ela escalasse um íngreme rochedo e colhesse a Água da Vida de um fonte guardada de ambos os lados por dois terríveis dragões. Ao aproximar-se do rochedo percebeu que mais prático seria desistir e matar-se. Entretanto Zeus lhe envia em socorro uma águia, que driblou os dragões e encheu o vaso com a Água para Psique.

Afrodite deu-lhe então a última e fatal tarefa. Entregou-lhe uma caixinha e ordenou à Psique que descesse ao mundo de Hades, o reino dos mortos e solicitasse à Perséfone em seu nome, um pouco da beleza imortal. Psique desesperada subiu em uma torre a fim de suicidar-se. A torre, porém, lhe falou que não recusasse a prova derradeira e instruiu-a acerca do caminho mais curto para atingir o mundo dos mortos, explicando-lhe ao mesmo tempo, as precauções que deveria tomar na longa caminhada pelas trevas.

A torre lhe dá a instrução de onde está a entrada que leva ao caminho do mundo avernal. E dá a ela diversas orientações: ela não deveria ajudar o burriqueiro coxo a apanhar as varas caídas no chão; deveria levar duas moedas na boca e um pedaço

de pão de cevada em cada mão; deveria entregar uma moeda a Caronte, o barqueiro, quando entrar e entregar a outra ao sair; deveria recusar ajuda a um velho que ergue as mãos podres implorando que ela o puxe para dentro da embarcação; ela deveria igualmente se recusar a ajudar velhas fiandeiras que tecem a teia do destino; deveria dar um pedaço de pão a Cérbero, cão de três cabeças, guardião do mundo dos mortos, ao entrar e ao sair dando tempo para passar enquanto as três cabeças disputam o pedaço de pão; ela deveria também recusar os banquetes de Perséfone e comer apenas pão integral e ao conseguir o que foi buscar deveria retornar imediatamente pelo mesmo caminho e em hipótese nenhuma deveria abrir a caixinha, que continha a beleza imortal.

Psique partiu e fez exatamente o que lhe fora dito. Porém, no retorno do mundo das trevas, já em plena luz, uma grande curiosidade lhe assaltou o espírito. Ela abre a caixinha e cai em um sono profundo.

Eros já curado do ferimento e com muita saudade da esposa, adivinhando o que se passava, escapou pela janela do quarto de Afrodite que lhe servia de cárcere e voou até Psique, guardou o sono letárgico de volta na caixinha, despertou a amada e a orientou a terminar sua tarefa. Enquanto isso, ele foi até o Olímpo e pediu que Zeus intercedesse a seu favor. Zeus convocou todos os deuses para uma assembléia, na qual aprovam a união entre Eros e Psique. Zeus ordenou a Hermes que levasse Psique aos céus e tão logo ela chegou, Zeus deu lhe a bebida da imortalidade e lhe disse: “Bebe, Psique e seja imortal. Eros, jamais abandonará teus braços, vosso casamento será perpétuo”. (Brandão, vol.II, cap. VIII)

## Discussão

Pude entender Psique como símbolo do sono de inconsciência da humanidade. Sono do qual se pode despertar através da chegada do Amor. Entretanto, percebemos também que isso somente se torna possível devido ao relacionamento que Psique consegue estabelecer com ela mesma, com o mundo e com os poderes espirituais. (Houston, 1997)

O mito de Eros e Psique pode ser visto como símbolo do processo de despertar da consciência, que significa apropriar-se de si mesmo, para sair de uma atitude infantil e passiva, assumindo uma maior responsabilidade frente ao seu processo de individuação. A chegada do Amor pode representar a possibilidade de deixar morrer a atitude infantil para dar lugar à maturidade.

No que tange à questão de apropriar-se de si mesmo, pude perceber neste trabalho de psicoterapia grupal o quanto as pessoas da equipe iniciaram este processo num movimento inverso a este, o que se mostrava natural era o movimento de responsabilizar o outro por qualquer questão vivida, o que demonstrava a dificuldade de diferenciar o que era seu do que era do outro. Fato este percebido tanto na relação entre os membros da equipe, quanto com os pacientes, tendo sido esta uma das questões arduamente trabalhada no início deste processo, gerando consciência de si mesmo. Vale ressaltar que agora os novos profissionais que se inserem na equipe são acolhidos nesta dinâmica de diferenciação, o que parece ser um facilitador para o processo dos recém chegados, pois esse funcionamento já faz parte da rede de relações.

Simbolicamente, a chegada de Eros, o arquétipo do Amor, traz consigo a possibilidade do desenvolvimento da consciência feminina.

☐O princípio feminino é uma parte de todos nós, homens e mulheres. Um dos aspectos disso é o fato de que aprendemos a compartilhar a natureza e a ouvir profundamente a sabedoria que há dentro de nós, podendo assim resolver situações impossíveis e levando a cabo tarefas inacreditáveis. Isso difere radicalmente da capacidade masculina de controlar e de moldar a natureza.☐ (Houston, 1997, p. 148)

O princípio feminino vem sendo tão trabalhado com a equipe que todos os profissionais do sexo masculino, batizaram o seu princípio feminino com um nome cuidadosamente escolhido. E ao contrário, nenhuma profissional do sexo feminino tem um nome para o seu princípio masculino.

Eros traz consigo um chamariz de abundância, que pode ser representado pelo seu glorioso palácio, podendo representar um chamariz para os profundos padrões de gestação da realidade, podendo conduzir os indivíduos aos lugares de recriação da alma, onde se é semeado, condimentado, estimulado, conclamado a vir a ser. (Houston, 1997)

Desde o início deste trabalho de psicoterapia grupal, o arquétipo de Eros se fez presente, trazendo consigo as possibilidades de se experienciar a vida de forma mais plena e equilibrada a partir da descoberta de si mesmo. À medida que os membros da equipe foram tendo consciência a respeito do seu funcionamento e do funcionamento dos colegas, bem como das suas fraquezas e das suas potencialidades, foram podendo identificar e, conseqüentemente, recolher do mundo suas projeções. E foram se apropriando da grande responsabilidade com sua jornada interior.

Assim, o Amor por si mesmo e pelo próximo foi se consolidando ao longo do processo. Esse Amor permeou uma relação de respeito, aceitação, acolhimento e cuidado entre todos os integrantes deste grupo, sendo também refletido na prática terapêutica junto aos pacientes.

Vale ressaltar aqui, que o Amor do qual estou tratando é o Amor humano, que nos possibilita encarar o outro de maneira real, simples, como o ser humano de fato é, e não através de um papel ou imagem que tenhamos planejado para ele. (Johnson, 1993)

No mito, Eros pede à Psique que não fale sobre seu relacionamento com ele; assim, fazemos uso deste pedido no que tange ao atendimento com o paciente. Entendi, neste trabalho, a necessidade de viver o arquétipo do Amor e transmiti-lo sem a intervenção da fala; o Amor em uma atuação oculta, transmitida através da repercussão interna e seu conseqüente reflexo na relação terapêutica.

Com o princípio feminino acionado, a equipe vem aprendendo a ouvir a voz do Self e, conseqüentemente, o trabalho em prol das ligações afetivas vem sendo paulatinamente efetivado. Pretendo expressar alguns dados deste trabalho numa analogia com as tarefas realizadas por Psique:

Primeira Tarefa: Ordenar as Sementes. Muitas vezes, algum membro da equipe percebe que também está sendo recrutado a Ordenar as Sementes; o que pode estar representando simbolicamente a necessidade de diferenciação de um aspecto psíquico ou de uma nova retirada de projeções. Neste estado, geralmente o indivíduo se encontra como Psique, esmagado pela intensidade da tarefa. Quando isso ocorre, os membros da equipe se organizam num movimento instintivo, como uma legião de formigas em auxílio daquele membro necessitado; se arranjam ao seu

redor, sem que isso seja pedido, e o movimento de auxílio e de cuidado ocorre naturalmente, sempre permeado pelo Amor. Fato este que fortalece o movimento individual e coletivo para a continuidade e facilitação da jornada.

Outra análise possível quanto a esta tarefa, no que tange a este trabalho de psicoterapia grupal, se dá através de uma analogia entre os fundadores da instituição em questão e a formiguinha que vem em auxílio à Psique, pois os fundadores desta empresa, ao perceberem a necessidade de um aprofundamento interno, e da necessidade da diferenciação como recursos fundamentais no tratamento ao paciente foram como formiguinhas, recrutando profissionais afins, para auxiliarem este grande trabalho.

A jornada da Alma não é uma jornada fácil, pois lida com forças psíquicas poderosas que nos traz a necessidade de grandes confrontos internos e externos, como o representado na segunda tarefa de Psique, a de Colher a Lã de Ouro. O símbolo do carneiro da lã de ouro está associado ao poder criador e destruidor do sol resplandecente, sendo também o símbolo da masculinidade suprema. (Chevalier e Gheerbrant, 1999)

Muitas vezes, energias masculinas muito poderosas precisam ser redimidas para poderem ser reintegradas em seu aspecto criador, para que não destruam a construção do feminino. Este por sua vez, tão essencial para o processo, pois se refere ao aprendizado e a escuta da sabedoria interior, bem como a consolidação da ligação amorosa consigo mesmo e com o mundo. (Johnson, 1993)

Pude pensar que somos convocados a realizar a segunda tarefa, quando o Poder se ativa em alguma situação da vida profissional. Este fato pode ser, por exemplo, desencadeado por um paciente. Alguns pacientes com nível socioeconômico elevado, muitas vezes, precisam demonstrar o seu poder para se sentirem respeitados e valorizados, desencadeando com isso um conflito.

E também pode ocorrer, quando um complexo é ativado em uma discussão profissional entre os membros da equipe, na qual o Poder está ativado em alguém, para retroalimentação de sua dinâmica e para proteger sua fragilidade interna.

Nestes casos, a sabedoria interior pode ser ativada orientando a ação do indivíduo que foi chamado à tarefa; essa orientação se dá no sentido de que não se deve realizar o confronto direto com essas forças, como Psique orientada a conseguir o que precisa por uma via indireta, pois é necessário aguardar o tempo certo, para que essas poderosas forças masculinas adormeçam para que a tarefa possa ser realizada. Torna-se, então, necessário o não confronto direto, para que não se instale uma batalha. Para tanto, não se deve pensar e nortear a ação, nestes casos, exclusivamente através do Logos, do masculino, mas sim, principalmente, através do coração, ou seja, através do princípio feminino. Desta forma, o feminino pode manter o amor permeando essas relações.

A terceira tarefa apresenta um desafio importante a respeito do trabalho da equipe interdisciplinar no tratamento aos pacientes. Nesta tarefa, Psique é incumbida de Conquistar a Água da Vida. Nesta etapa do processo, vemos que a tarefa somente será realizada com o auxílio da águia. Apenas com a visão ampliada da águia, é que se torna possível encontrar a melhor forma de driblar os dragões e recolher a Água da Vida.

Pude entender os Dragões como representantes simbólicos das defesas psíquicas dos pacientes e dos membros da equipe, que dificultam o acesso direto à alma.



Neste sentido, a visão da águia pode representar a visão interdisciplinar da equipe, bem como a consciência adquirida neste processo de psicoterapia, pois amplia a situação na qual se está inserida e possibilita a lucidez necessária para guiar a ação tanto no tratamento ao paciente, quanto no processo de individuação, mostrando qual a melhor forma de acesso à alma em questão, visando contribuir para melhor atingir o indivíduo e oferecer-lhe o cuidado necessário, bem como a oportunidade para continuidade da evolução neste processo.

A última grande tarefa solicita a realização de uma Jornada aos Infernos. Nesta tarefa, é possível perceber a necessidade de se estar consigo mesmo, fazendo uso de recursos específicos para a realização dessa jornada. Nesta tarefa, a grande orientação vem da Torre, que representa simbolicamente a sabedoria específica de uma cultura, com sua lógica, suas regras e suas disciplinas. (Houston, 1997)

Pude pensar na Torre como símbolo das bases filosóficas de orientação da instituição, da qual a equipe faz parte e também como representante do eixo central de cada um. Esta orientação guia e impulsiona o processo dos indivíduos a uma importante iniciação, com diversas provas ao longo do caminho e para as quais é necessária a consciência, coragem e determinação.

Nesta descida, a Torre preconiza que é preciso fazer uso dos recursos internos que se tornaram conscientes ao longo do processo, não se perdendo de si mesmo e devendo estar atento aos acontecimentos a sua volta, como recurso sinalizador de como está ocorrendo o seu processo de individuação.

Uma atitude importante, ensinada nesta tarefa, é ter consciência do momento no qual se faz necessário dizer não ao outro, para poder dizer sim a si mesmo, pois nesta jornada é preciso estar focado dentro para não se perder fora, o que poderia comprometer tanto a jornada interior, quanto o atendimento ao paciente.

Outra característica importante desta jornada é que é sentida pelos membros da equipe é a necessidade de pagar um preço para realizar a descida, pois todos nós sabemos o quanto nos custa os confrontos deste caminho, rumo às profundezas de nossa alma.

Neste caminho, também foi possível observar o quanto é preciso tomar cuidado com a sedução de tecer o destino dos outros, pois ter consciência do processo de individuação pode provocar uma inflação egóica, o que segundo Jean Houston torna-se tentador principalmente para pais, terapeutas e conselheiros de todos os tipos. (Houston, 1997)

Também nesta tarefa, Psique é orientada a não ajudar o morto que ergue as mãos podres implorando que ela o puxe para dentro da embarcação. Pois é preciso aprender que a morte sempre nos acompanhará, e será eternamente o prelúdio do nascimento. Essa orientação ajuda os membros da equipe a não se penalizarem pelo processo de doença e história de vida vivida pelo paciente, contribuindo para a consciência a respeito da importância das doenças e das dificuldades, como possibilidades de renascimento. (Houston, 1997)

Psique também é orientada a praticamente não comer nenhum alimento nesta etapa. Em muitas culturas, o alimentar-se junto significa forjar ligações permanentes. No que tange ao mundo interno, esta questão está associada ao fato de que não se deve se sentir em casa no reino de Hades, e tão pouco se deliciar com as dificuldades desta jornada. Quanto ao mundo externo, entendemos essa questão em nossa prática profissional, no que diz respeito à necessidade de não manter

relações pessoais com os pacientes, pois este fato prejudica, e muito, o andamento do tratamento. (Houston, 1997)

O mito nos mostra que Psique é extremamente bem sucedida em suas tarefas, mas neste ponto se deixa levar pela vaidade e ao abrir o pote que recebeu de Perséfone, cai em sono profundo, o que pode ser entendido como cair novamente em sono desperto, o sono que leva o indivíduo a seu antigo funcionamento. Fato este, que inevitavelmente ocorre no processo de individuação e que muitas vezes foi observado neste trabalho de psicoterapia grupal. Entretanto Eros, que está acionado nos membros da equipe, contribuiu para que o socorro viesse sempre no momento certo, assim como no mito, nem antes e nem depois. Este fato vem demonstrando a sincronicidade nas relações entre os membros do grupo e a importância do timing para o socorro, diretamente relacionado ao tempo de Kairós. Outra importante questão observada é que Psique pensou em desistir em todas as tarefas, fato este, diversas vezes expressos na fala da equipe, entretanto, assim como com Psique, já na sequência da fala ou do pensamento, foram recrutados os recursos internos e externos como estimuladores da continuidade da jornada, bem como a consciência de que não é possível mais voltar atrás após todo o caminho arduamente percorrido.

#### Considerações Finais

Pude, a partir dessas descrições, observar a analogia entre o mito de Eros e Psique e um trabalho de psicoterapia grupal, que tal qual o mito, pretende permanecer vivo. Vimos que além dos conteúdos existentes na consciência, existem as reações de caráter irracional e afetivo, bem como os impulsos para uma organização arquetípica do material consciente. Neste caso, quanto mais claro se torna o arquétipo, mais fortemente se faz sentir o seu *“fascinosum”* e sua respectiva formulação como algo (...) divino. (Jung, 1993, p.223)

Pude também observar, ao longo deste trabalho, que, com o arquétipo do Amor acionado, a atitude de ajuda pode se fazer sempre presente, fato este observado nas atitudes e sentimentos expressos ao longo dessa jornada terapêutica. Tal qual foi descrito no mito.

Outra questão a salientar é a presença do Amor e a ajuda mútua entre as pessoas da equipe. Isto pareceu contribuir para o equilíbrio interno e externo dos membros, bem como, pode ter estimulado a necessidade de avançar no processo de individuação como recurso fundamental para a prática profissional e para sua atuação como cuidador.

O Amor pareceu contribuir muito para a reorganização e readaptação do indivíduo à vida, pois o Amor, enquanto pulsão fundamental do ser humano, possivelmente impulsionou a todos a se realizar em si mesmo através do contato com o outro, com esse outro dentro e fora de si, pois como a característica fundamental de Eros é a união, esta evolução só se torna possível por meio de uma série de trocas materiais, espirituais, emocionais.

Entendi com este trabalho, que nenhum relacionamento humano supõe-se ocorrer por acaso, pois a partir dos relacionamentos parece que se tornou possível a ampliação da opus alquímica no mundo, pois, à medida que todos os membros deste grupo foram ampliando sua consciência e sua compreensão, sobre a serviço do que estão essas relações em sua vida e o que elas estão lhes ensinando, a respeito do seu próprio funcionamento interior e o seu reflexo no mundo, puderam

mergulhar gradativamente nessa jornada de evolução, que é o processo de individuação. E puderam, também, gerar importantes transformações em seus mundos internos e externos, proporcionando-lhes uma vida mais plena de significados e de paz.

“Procura tornar-te tal como queres que seja a obra por ti buscada”  
(Jung, 1988, vol.IX/2, par. 264, rodapé 58)

#### Bibliografias

BRANDÃO, J. 2003. Mitologia Grega, vol.II, Petrópolis: Editora Vozes, 14ª edição.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

DETHLEFSEN, Thorwald; DAHLKE, Rudiger. A Doença como Caminho. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

HOUSTON, J. 1997. A Busca do Ser Amado. São Paulo: Editora Cultrix, 10ª edição.

JOHNSON, R.A..1993 She: A Chave do Entendimento da Psicologia Feminina. São Paulo: Ed Mercury.

JUNG, C.G. 1988. Obras Completas de C.G. Jung: Aion, estudos sobre o simbolismo de si mesmo. vol. IX/2. Petrópolis: Editora Vozes.

JUNG, C.G. 1993. Obras Completas de C.G. Jung: Psicologia em Transição. Vol.X. Petrópolis: Editora Vozes.

LUCAS, Bíblia Sagrada, cap. 10 versículo 25